

Falta-me responder aos «porquês», aos «para quês», «se é moral ou não», etc., etc. — prometi que dava estas respostas.

É uma tristeza desiludir o leitor logo de início, é uma tristeza mas também uma alegria. Que se saiba que na minha «ideia» não há qualquer sentimento de «vingança», qualquer byronismo — nenhuma maldição nem queixas de orfandade, nem lágrimas de bastardia, nada, nada. Direi em poucas palavras que uma senhora romântica, se lhe calhasse ler os meus apontamentos, ficaria logo de orelha caída. Toda a finalidade da minha ideia é o retiro da solidão.

— Mas é possível conseguir o retiro sem esse esforço de se tornar um Rothschild. Que tem Rothschild a ver com isto?

— Tem a ver, porque além do retiro preciso ainda de poderio.

Direi algumas palavras preliminares: talvez o leitor fique aterrorizado com a minha confissão e pergunte ingenuamente a si mesmo: como é que o autor não corou? Respondo: não escrevo para ser editado, talvez dentro de dez anos, na melhor das hipóteses, eu tenha leitor, quando tudo estiver definido, ultrapassado e provado a um ponto tal que não seja preciso corar. Por isso, se às vezes me dirijo ao leitor nos

meus apontamentos, isso não passa de uma figura literária. O meu leitor é uma personalidade fantástica.

Não, não foi a bastardia, tema de gozo permanente na escola de Touchard, nem os tristes anos da minha infância, nem a vingança, nem o direito ao protesto que despoletaram a minha «ideia»; a culpa de tudo é do meu carácter. Desde os meus doze anos, acho eu, ou seja, desde a formação da minha verdadeira consciência, comecei a não gostar das pessoas. Não que as detestasse, mas não as suportava. Sentia demasiada tristeza nos meus momentos mais puros por não ser capaz de exprimir tudo, nem às pessoas que me eram mais próximas, ou antes, eu até seria capaz, mas não queria, continha-me, por qualquer razão; sentia-me triste por ser desconfiado, soturno e insociável. Além disso, desde havia muito, quase desde a tenra infância, descobrira que era próprio de mim acusar os outros vezes de mais, ser exageradamente propenso a acusar; a seguir, outro pensamento me assombrava, tão penoso para mim: «A culpa não será minha e não deles?» E quantas vezes me acusava sem razão! Para não ter que lidar com estas questões, procurava, naturalmente, a solidão. Ainda por cima, não encontrava nada de interessante quando estava com os outros, por mais que me esforçasse, e se eu me esforçava de verdade! Pelo menos, os meus coetâneos, todos os meus colegas, absolutamente todos, pareciam-me inferiores a mim pela capacidade de raciocínio; não me lembro de nenhuma excepção a esta regra.

Sim, sou soturno, fecho-me constantemente. Não quero estar em sociedade a maior parte do tempo. Até posso vir a fazer bem às pessoas, mas há tantas vezes em que não vejo qualquer razão para o fazer. As pessoas não são tão belas que mereçam que nos preocupemos com elas. Por que não vêm ter comigo aberta e sinceramente, por que tenho de ser eu a procurá-las primeiro? É esta a pergunta que me faço. Sou uma pessoa grata e já o provei com centenas de parvoíces. A um homem sincero seria capaz de responder num instante com a minha sinceridade e começaria de imediato a gostar dele. De resto, era isto que fazia sempre; mas toda a gente me aldrabava logo a seguir e me virava as costas com gozo. O mais aberto de todos era o Lambert, que me batia muito na infância; pois bem, mesmo este Lambert não passa de um bandido confesso e de um canalha; e mesmo nisto ele é aberto apenas por estupidez. Eram estas as minhas ideias naquela altura, quando vim para Petersburgo.

Quando saí, então, de casa de Dergatchov (onde me fui meter sabe-se lá porquê), aproximei-me de Vássin e, num acesso de sinceridade, teci-lhe louvores. E qual foi o resultado? O resultado foi que, logo nessa noite, comecei a sentir que já gostava muito menos dele. E por-

quê? Porque, precisamente, ao tecer-lhe louvores me humilhei perante ele. No entanto, aparentemente, deveria ser o contrário: um homem tão justo e magnânimo que dá o devido valor a outro, mesmo em seu próprio desfavor, deveria talvez sentir-se, pela sua dignidade, superior a qualquer um. E então? Eu compreendia isso muito bem, e mesmo assim gostava menos de Váassin, muito menos. (Recorri propositalmente a um exemplo que o leitor já conhece.) Até o Kraft eu recordei com um sentimento de azedume e amargura só porque ele me conduzira ao vestibulo, e assim continuei até ao dia em que tudo sobre o Kraft viria a ser esclarecido, e aí já eu não poderia estar zangado com ele. Desde os primeiros anos de colégio, bastava algum colega ultrapassar-me, fosse em aproveitamento, fosse em respostas mordazes, fosse em força física, para eu deixar de lhe falar e de ter amizade com ele. Não que o odiasse ou lhe quisesse mal, virava-lhe as costas, simplesmente, porque é este o meu carácter.

Sim, ansiei pelo poder durante toda a minha vida — pelo poder e pela solidão. Sonhava com isso ainda naquela idade em que se me ririam na cara se soubessem o que se passava na minha cabeça. Foi assim que comecei a gostar do segredo. Sim, sonhava tanto e com tanta força que não tinha tempo para falar — daí, concluíram que eu era insociável, e porque eu andava sempre distraído, tiravam conclusões feias a meu respeito, mas as minhas bochechas rosadas provavam o contrário.

Estava feliz, principalmente quando, já deitado sob o cobertor, na mais completa solidão, sem as pessoas à minha volta e sem ouvir os sons que emitiam, me punha a recriar a minha vida dando-lhe uma forma bem diferente. Faziam-me companhia os mais frenéticos devaneios, mas só até ao momento da eclosão da «ideia», momento em que todos os meus sonhos estúpidos se transformaram, de uma vez, em razoáveis e passaram da forma sonhadora romanesca para a forma racionalista e realista.

Tudo se fundiu em prol do objectivo. De resto, os meus sonhos, mesmo antes, não eram assim tão estúpidos, embora fossem inumeráveis, aos milhões. Tinha, porém, os meus preferidos... Pois é, mas não tenciono descrevê-los aqui.

O poder! Estou convencido de que muita gente se divertiria imenso se soubesse que uma «insignificância» como eu aspirava ao poder. Mas vou espantar-vos ainda mais: talvez desde os meus primeiros sonhos, isto é, desde a infância, eu não me conseguisse imaginar a não ser no primeiro plano, sempre e em todas as viragens da vida. Acrescento uma estranha confissão: talvez isso continue até hoje. Deve notar-se que não peço desculpa.

A minha «ideia» e toda a sua força consiste em que o dinheiro é o único caminho que leva ao *primeiro lugar*, mesmo uma nulidade. Talvez até eu nem seja uma nulidade, mas sei, por exemplo, pelo que me mostra o espelho, que a minha aparência me prejudica porque tenho uma cara banal. Ora, se for rico como Rothschild, que importância terá a minha cara? E não será verdade que me bastará assobiar para que milhares de mulheres corram para mim com todas as suas belezas? Tenho mesmo a certeza de que elas, com toda a sinceridade, acabarão por me achar um bonitão. Talvez eu seja inteligente. Só que, nem que eu tenha uma cabeça de ouro, sempre se encontrará na sociedade alguém com uma cabeça de ouro ainda mais puro — e será o meu fim. Entretanto, se eu for um Rothschild, que importância terá esse espertalhão de ouro puro? Não lhe permitirão sequer abrir a boca ao meu lado! Talvez eu tenha um espírito agudo; mas imaginem ao meu lado um Talleyrand ou um Piron²⁷ — fico imediatamente ofuscado; ora, sendo eu um Rothschild — qual Piron e, talvez, qual Talleyrand! O dinheiro constitui, sem dúvida, um poderio despótico, mas ao mesmo tempo representa a máxima das igualdades, e é nisso que reside a sua força principal. O dinheiro elimina todas as desigualdades. Cheguei a esta conclusão ainda em Moscovo.

Os senhores, é claro, verão nesta ideia apenas um descaramento, uma violência, um triunfo da mediocridade sobre o talento. Aceito que a ideia é atrevida (e por isso mesmo sedutora). Que seja, de acordo; mas acham os senhores que eu desejaria o poder para oprimir e me vingar? Assim mesmo agiria qualquer mediocridade, eu sei. Mais ainda, tenho a certeza de que milhares de inteligentes e talentosos, tão superiores a nós, se lhes caíssem em cima os milhões de Rothschild, não se conteriam e procederiam com a mais ordinária das mediocridades, e oprimiriam os outros mais do que todos. Não funciona assim a minha ideia. Não tenho medo do dinheiro; não me oprimirá nem me levará a oprimir os outros.

Não preciso do dinheiro, ou melhor, não é do dinheiro que preciso, nem do poder, aliás; preciso apenas do que se adquire com o poder e que é impossível adquirir sem o poder: a consciência solitária e calma da minha força! É esta a mais completa definição da liberdade, liberdade com que o nosso mundo anda a quebrar a cabeça! Liberdade! Escrevi, finalmente, esta grande palavra... Sim, a consciência solitária da força é fascinante e maravilhosa. Tenho força e estou calmo. Nas mãos de Júpiter estão os trovões — e então? Está calmo, não o ouvi-

²⁷ Charles Maurice Talleyrand-Périgord (1754-1838) — grande diplomata francês. Alexis Piron (1689-1773) — poeta francês, autor de *Metromania*.

mos tropejar muitas vezes. A um parvo, parecerá que Júpiter dorme. Ora, se pusessem no lugar de Júpiter um literato ou uma campônia palerma, que trovões, credo, que trovões ouviríamos!

Se tivesse poder, raciocinava eu, nem sequer precisaria dele; asseguro-vos que eu próprio, por minha própria vontade, ocuparia o último lugar. Se fosse um Rothschild, usaria um sobretudo velhote e um guarda-chuva. Queria lá saber que me empurrassem na rua, que fosse obrigado a correr aos saltinhos pela lama para não ser atropelado pelos cocheiros! A consciência de ser eu, eu Rothschild, alegrar-me-ia ainda mais nesses momentos. Saber que poderia ter um almoço como ninguém e o primeiro cozinheiro do mundo, e bastar-me-ia sabê-lo. Comer uma fatia de pão com toucinho e ficaria de consciência saciada. Já hoje penso assim.

Não andarei atrás dos aristocratas, mas eles próprios me procuram, não correrei atrás das mulheres, mas elas próprias afluirão como água corrente propondo-me tudo o que pode propor uma mulher. As «ordinárias» virão com a esperança de dinheiro, as inteligentes serão atraídas pela curiosidade de verem uma criatura estranha, orgulhosa, fechada e indiferente a tudo. Mostrar-me-ei carinhoso com estas e aquelas, talvez lhes dê dinheiro, mas não aceitarei nada delas. A curiosidade gera a paixão, e talvez por isso inspirarei paixão. Ir-se-ão de ao pé de mim de mãos a abanar, podeis crer, com umas prendas apenas, talvez. Assim me tornarei, para elas, duas vezes mais enigmático.

... é-me suficiente
esta consciência.²⁸

É estranho que eu, ainda aos dezassete anos, me deliciasse com esta cena (aliás verosímil).

Não quero nem vou oprimir nem martirizar ninguém; mas sei que, se quisesse dar cabo de um fulano, meu inimigo, ninguém se oporia, todos me ofereceriam os seus serviços; e isso, mais uma vez, é suficiente para mim. Nem sequer me vingaria de ninguém. Sempre me espantou o facto de James Rothschild concordar em tornar-se barão! Para quê, porquê, se já sem isso ele era superior a todos no mundo? «Oh, que esse general malcriado me insulte na estação da malaposta, onde ambos esperamos pelos cavalos; se soubesse quem eu sou, correria ele próprio a atrelá-los e oferecer-se-ia para me ajudar a entrar na minha modesta traquitana! Escreveu alguém que um conde ou

²⁸ Frase de um monólogo de *O Cavaleiro Avarento* de Aleksandr Púchkin (1799-1837).

barão estrangeiro, num caminho-de-ferro de Viena, na presença do público, calçou as pantufas a um banqueiro local, e este teve a grosseria de lho permitir. Oh, não faz mal que esta terrível beldade (exactamente terrível, porque há beldades dessas!), filha desta aristocrata pomposa, ao viajar no mesmo barco a vapor que eu, ou noutra sítio qualquer, me olhe de soslaio e, levantando o nariz, se espante com desdém que eu me tenha sentado num lugar privilegiado, ao lado dela, este homenzinho modesto e desengaçado com um livro ou um jornal nas mãos! Mas se ela soubesse quem está ao lado dela! E saberá... saberá e irá sentar-se ao pé de mim, submissa, tímida, meiga, procurando o meu olhar, feliz, se eu lhe sorrir...» Introduzo aqui, de propósito, estas cenas imaginadas ainda naqueles primeiros tempos, para exprimir a minha ideia de maneira mais animada; as cenas inventadas, porém, parece que resultam pálidas e, talvez, triviais. Só a realidade justificará tudo.

Dir-me-eis: é estúpido viver assim; por que razão não ter um hotel, uma casa aberta, por que não convidar a sociedade, por que não ter influência, por que não casar? Mas, então, em que se transformaria o Rothschild? Seria como toda a gente. Desapareceria todo o fascínio da «ideia», toda a sua força moral. Ainda na infância, decorei o monólogo do Cavaleiro Aparento de Púchkin; Púchkin, nos termos da sua ideia, não criou nada de superior a isso! Continuo a ter as mesmas ideias desse tempo.

«Mas o seu ideal é demasiado baixo — dir-me-eis com desprezo. — Dinheiro, riqueza! Será comparável com a causa social, com a missão humanitária?»

Mas o que sabeis do modo como eu utilizaria a minha riqueza? Que imoralidade e baixeza pode haver no facto de estes milhões, fuggindo das mãos judias nocivas e sujas, afluírem para as mãos de um eremita sóbrio e firme, que penetra o mundo com o seu olhar perscrutador? Em geral, todos estes sonhos sobre o futuro, todos estes prognósticos, são ainda uma espécie de romance, e é possível que faça mal ao pô-los no papel; era melhor ficarem na minha cabeça; sei também que, se calhar, ninguém lerá estas linhas; e, mesmo que alguém as leia, acreditará que talvez eu não seja capaz de me aguentar com os milhões de Rothschild? Não porque tais milhões me oprimissem, mas noutra sentido, num sentido contrário. Nos meus sonhos, por mais de uma vez eu agarrei aquele momento do futuro em que a minha consciência ficaria demasiado satisfeita e em que ter o poder me parecerá demasiado pouco. Então — não por tédio ou por uma amargura sem sentido, mas porque desejarei infinitamente uma coisa maior —, entregarei todos os meus milhões às pessoas; que a sociedade distribua como bem entender toda a minha riqueza,

e eu... voltarei a mergulhar na nulidade, a misturar-me nela! Talvez até me transforme naquele mendigo que morreu num vapor, com a diferença de que não encontrarão nada escondido nos meus farrapos. Só a consciência de ter tido nas mãos milhões de rublos e os ter deitado para a lama alimentar-me-ia, qual corvo, no meu deserto. Mesmo hoje estou pronto a pensar assim. Sim, a minha «ideia» é aquele castelo em que sempre, em qualquer caso, me posso resguardar de toda a gente, nem que seja como um mendigo morto num vapor. Eis o meu poema! E ficai sabendo que preciso da minha vontade perversa *na sua integralidade* — unicamente para provar a *mim próprio* que sou capaz de rejeitá-la.

Replicareis sem dúvida que isso não passa de poesia e que nunca desistirei dos milhões, caso os venha a ter nas mãos, e que não me transformarei no mendigo de Sarátov. Sim, talvez não desista, delineei apenas um ideal da minha ideia. Mas acrescento, já a sério: se, na minha acumulação de riqueza, chegasse até às quantias de Rothschild, poderia, de facto, atirá-las à sociedade. (De resto, antes de chegar às quantias de Rothschild seria difícil fazê-lo.) E não entregaria só metade, porque nesse caso tratar-se-ia de uma vileza: tornar-me-ia apenas duas vezes mais pobre, não passaria disso; mas entregaria tudo, tudo até ao último copeque, porque, ao tornar-me um mendigo, ficaria duas vezes mais rico do que Rothschild! Se não compreendeis isto, a culpa não é minha, não vou esclarecê-lo.

«Faquirismo, poesia da nulidade e impotência! — dirão as pessoas. — Triunfo da mediocridade e da inépcia.» Sim, confesso que, efectivamente, é em parte o triunfo da mediocridade e da inépcia, mas é pouco provável que seja o da impotência. Dantes gostava terrivelmente de imaginar uma criatura assim, precisamente inepta e medíocre, que se encontra perante o mundo e lhe diz com um sorriso: sois os Galileus e os Copérmicos, sois os Carlos Magnos e os Napoleões, sois os Púchkines e os Shakespeares, sois marechais de campo e *Hofmarschall*, e eu sou medíocre e bastardo, e mesmo assim sou superior a vós todos, porque vós todos vos submetestes a isso. Confesso que levava esta fantasia até limites tais que rejeitava a própria cultura. Parecia-me que seria ainda mais bonito se esse homem fosse ignobilmente inculto. Este sonho exagerado influenciou naquela altura o meu aproveitamento na sétima classe do colégio; deixei de estudar por causa, precisamente, do meu fanatismo: a falta de instrução parecia acrescentar beleza ao ideal. Hoje, mudei as minhas convicções neste ponto: a instrução não faz mal.

Meus senhores, será que a independência das ideias, por mínima que seja, é assim tão penosa para vós? É feliz quem tem um ideal de

beleza, nem que seja errado! Eu, porém, acredito no meu. Apenas o não expus muito bem, fui desajeitado e primitivo. Dentro de dez anos, é claro, poderia descrevê-lo melhor. E o que escrevi agora vou guardá-lo como lembrança.